

Manuel Negwer

LUANDA. UM COMENTÁRIO

A cidade de Luanda nos anos de sessenta vivia numa paz fictícia, na ilusão de poder manter uma ordem estabelecida uma vez por todas pelo "patrão", de acordo com uma ideologia que naquela época tentava propagar que insistia e persistia na validade do modelo duma sociedade multicultural, mas construído em forma de pirâmide, a maneira duma sociedade de casta.

Luanda era uma cidade ordenada, armada e dividida. Aqui se estendia um bairro residencial, acolá começava um musseque, ambos nitidamente separados por uma rua ou uma estrada asfaltada. A chamada convivência pacífica era uma convivência a custo da convivência, isto é, por uma parte a aceitação fatalista das condições impostas por ela, por outra parte a existência predominante dum racismo paternalista, não do carácter selvagem, ou destruidor de sangue frio como acontecido no resto da Europa, mas dum carácter que não se discutia, que se aceitava como a coisa mais normal desta vida, uma atitude pouco agressiva, uma atitude que aparentava os "brandos costumes", nas relações entre colonizados e colonizadores.

Desta maneira todos os elementos que podiam molestar, mandar ou sujar esta imagem de idílio tropical, eram reduzidos a meros elementos folclóricos, típicos do meio ambiente e inalteráveis. Os vendedores ambulantes, os pobres pedindo esmola, os aleijados, os meninos de barrigas inchadas.

Mas já no horizonte e não somente no horizonte se vislumbravam perigos iminentes. A cidade enchia-se de tropas, de pára-quedistas, ainda risonhos e alegres ao desembarcarem, garantes seguros na minha opinião de tudo aquilo que eu tinha visto e conhecido até esse momento quase 30 anos atrás. Eram os anos que seguiam a independência do Congo belga, do conflito de Catanga. Chegaram a Luanda os fugitivos belgas e também portugueses daquela região e doutra do Congo independente. A campanha da imprensa que se manifestava em Luanda propagava a ameaça total da presença europeia, os diários e a rádio difundiam notícias de combates e massacres, o terror se estendia pela cidade. Luanda nessa época mais do que nunca desempenhava o pa-

pel de baluarte sólido e inexpugnável de valores entre os quais o mais sublime era sem dúvida o de seguir vivendo como antes. Lembro-me como se tivesse sido ontem do acompanhamento musical daquela época do hino, que não se cansava de afirmar e confirmar em voz baixa mas insistente:

Angola ... é nossa.

Vinte anos depois:

Acabou-se o churrasco em Vilela, acabaram as gambas na Ilha de Luanda, acabaram os passeios domingueiros das famílias portuguesas. Acabou o racismo, acabaram Salazar e Caetano. Acabou o ordem. Luanda tem outro público

em lugar dos portugueses limpos e asseados
aparecem os cooperantes de todo o mundo
em lugar dos para-quedistas
apareceram os soldados angolanos e cubanos
em lugar da polícia de segurança pública
aparecem guardas angolanos de fardas azuis
em lugar da guerrilha
- a guerra.

Luanda perdeu o colonialismo, mas também perdeu a ilusão de não pertencer ao Terceiro Mundo. Já não existe a arrogância do colonizador mas existe a ignorância do aliado. Uma cidade que vive, melhor dito, uma população que vive numa cidade, numa cidade que não consegue nem tenta dominar. A cidade do colonizador é conquistada por um povo sem outra pretensão do que viver de acordo com as suas necessidades. Não considera digna de ser conservada uma cidade que foi completamente abandonada pelos seus construtores, que eu saiba caso único nos últimos vinte anos, uma Pompeia moderna, mas imediatamente de novo povoada.

A cidade das populações fugidas da guerra. A improvisação, o estado provisório depois de 15 ou 20 anos inevitavelmente se torna costume, hábito, comportamento tradicional.